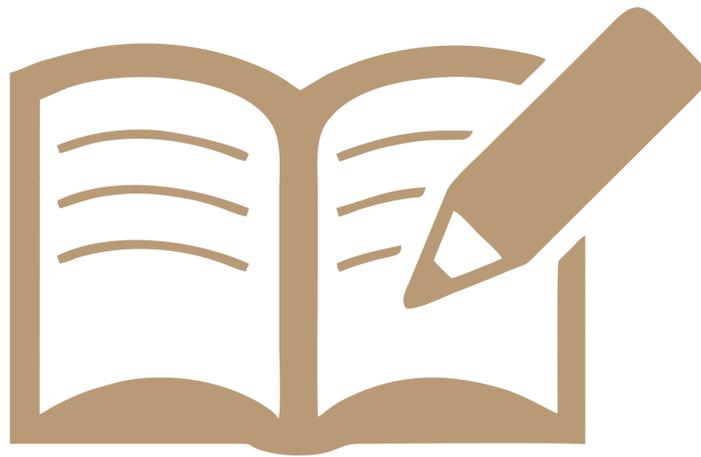




LIVRO DE ROMANOS

COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 7



Pr. Lúcio Mauro Silva Lima



COMENTÁRIOS DO CAPÍTULO 7

7:1

“Porventura, ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida?”

Paulo expande o tema do relacionamento do crente com a lei. A idéia principal é que a morte altera a relação legal do crente com a lei, “a morte em Cristo” altera as obrigações legais do crente. A penalidade que a lei exige é a morte, mas aqueles que morreram em união com Cristo já sofreram esta pena. A lei já exerceu o seu direito na vida dos crentes (por Cristo); Portanto a lei não tem mais autoridade para condená-los.

7:2

“Ora, a mulher casada está ligada (deu *deo*=atar um laço, prender) pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal.”

Paulo usa o casamento para ilustrar nosso relacionamento com a lei. Quando o esposo morre, a lei do casamento não mais se aplica. Porque nós morremos com Cristo a lei não pode mais condenar-nos. Desde que nós estejamos em união com Cristo, o Seu Espírito nos capacita a produzir boas obras para Deus. Nós agora servimos a Deus, não obedecendo a um conjunto de leis, mas a um novo coração e nova mente dos quais transborda amor por Deus.

7:3

“De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre (eleu *yerov leutheros*=civilmente livre) da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias.”

Paulo conclui o exemplo das obrigações conjugais para enfatizar a liberdade que temos em Cristo pela nossa união em sua morte. A liberdade da lei que encontramos em Cristo não se refere à liberdade da LEI MORAL DE DEUS, visto que Deus não mudou, isto é, continua sendo santo e exigindo santificação na vida daqueles que o buscam. O Crente não se divorciou da lei moral de Deus, muito pelo contrário agora ele sente prazer em cumpri-la, não é algo mais penoso, ela agora está escrita nos nossos corações. A liberdade em questão refere-se a liberdade da lei COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO. O crente não mais serve a Deus na letra da lei agora ele O SERVE NO ESPÍRITO. Isto é o que os reformadores



chamaram de O TERCEIRO USO DA LEI. O crente ao morrer com Cristo para a lei, se livrou da sua autoridade e passou a pertencer a Cristo.

OS TRÊS USOS DA LEI: O Homem pode adotar três atitudes com relação à lei. Poderíamos chamá-las de LEGALISMO, ANTINOMISMO e LIBERDADE PARA CUMPRIR A LEI.

1) Os legalistas encontram-se “debaixo da lei” e estão sujeitos a ela. Eles acham que o seu relacionamento com Deus depende de obedecerem à lei, e assim buscam ser justificados e santificados por ela.

2) Os antinomianos (ou libertinos) vão para o outro extremo. Culpando a lei por seus problemas, eles a rejeitam completamente, declarando-se livres de qualquer obrigação para com suas exigências. Eles transformaram a liberdade em libertinagem.

3) Os que estão livres para cumprir a lei regozijam-se tanto em sua liberdade da lei, que lhes traz justificação e santificação, como liberdade para cumpri-la. Deleitam-se na lei por ser a revelação da vontade de Deus, mas reconhecem que a força para cumpri-la não provem da lei, mas do Espírito Santo.

Assim os legalistas temem a lei e estão sujeitos a ela. Os antinomianos detestam a lei e a repudiam. E os “livres para cumprir a lei” amam a lei e a cumprem.

7:4

“Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus.”

Paulo deixa as leis humanas e volta-se para a lei de Deus. Antes de Cristo nós éramos casados com a lei e, portanto estávamos sujeitos a sua autoridade. Mas o fato de termos “morrido para a lei” dá fim ao contrato de casamento e nos possibilita casar novamente ou pertencer a outro. Como aconteceu esta morte? Foi por meio do corpo de Cristo (do seu corpo físico). Pela nossa união pessoal com Cristo nós participamos da sua morte; portanto pode-se dizer que nós morremos “por meio do seu corpo”.

O que significa dizer que morremos para a lei? Como já foi dito nos comentários dos versos anteriores, significa morrer para a lei COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO. Quando morremos para o pecado necessariamente morremos para a condenação da lei. Portanto morrer para o pecado é a mesma coisa que morrer para a lei. Ambas as mortes significam que pela nossa participação na morte de Cristo a maldição ou condenação da lei foi eliminada, ou seja, nós não precisamos mais TEMÊ-LA quando falhamos em cumpri-la, pois ela não pode mais



condenar-nos, pois Cristo que assumiu a penalidade da lei que é a morte. Se a penalidade da lei não mais pode alcançar-nos estamos salvos e esta salvação não veio do nosso cumprimento da lei e sim da graça de Deus através de Cristo.

“...para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus.” Paulo passa a descrever os propósitos de morrerem com Cristo para a lei. O propósito imediato é que nós possamos *“pertencer a outro”* e em seguida que frutifiquemos. Paulo refere-se à união da Igreja com Cristo, da qual resulta em filhos ou frutos do casamento. O que significa esses frutos? significa os frutos da santidade, o fruto do Espírito Santo. A conclusão de Paulo é que a lei era impotente para gerar frutos quando estávamos ligados a ela. Mas agora nós estamos *“casados”* com Aquele que tem a força, a virilidade e a potência para gerar filhos até a partir do nada.

7:5

“Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões (payema *pathema*=sentimento experimentado pela mente, aflição da mente, emoção) pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte.”

“Porque, quando vivíamos segundo a carne...”. Quer dizer, quando ainda não éramos regenerados.

Paulo lembra nos lembra que a lei faz pouco mais que *“abastecer”* as paixões pecaminosas, referindo-se a tendência humana de ser dominada pelos desejos carnis e pecados. Paulo afirma que os crentes **foram** controlados pela **velha natureza**. O único fruto produzido por uma vida que está *“debaixo da lei”* são OBRAS PECAMINOSAS E MORTE. A lei nos reprime e nos ensina a vontade de Deus, mas ela também revela e estimula nossa natureza pecaminosa. Ao mesmo tempo ela (lei) identifica e ativa ou energiza (*energew *energeo*=de onde vem energia*) o pecado.

7:6

“Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.”

Paulo explica a diferença de modo de vida entre a antiga e a nova aliança. A antiga aliança é apresentada como um código externo escrito em tábuas de pedra, e a nova aliança (interior) como um novo tempo dominado pelo *“Espírito”* (*pneuma*), no qual a lei de Deus é escrita nos corações. A velha vida que se caracterizava pela submissão a um código externo é substituída pelo ESPÍRITO



SANTO como PRINCÍPIO NORMATIVO, evidenciando a concretização da nova aliança profetizada por Jeremias “*Vêm dias, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, porque eles invalidaram a minha aliança, apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração. Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.*” (Jr 31.31-33).

“...**de modo que servimos** (douleuw douleuo=ser escravo de alguém)...”. Continuamos sendo escravos, porém o Senhor a quem servimos é Cristo, não à lei, e o poder com o qual servimos é o Espírito, não a letra.

“...**Em novidade de espírito...**”. A palavra novidade (*kainotes* = κ α λ υ ο / τ η φ) é oriunda de κ α λ υ ο > σ que significa “novo”, não no sentido de tempo ou daquilo que é recente como é no caso da palavra *neos*, mas “novo” quanto à forma ou qualidade.

“...**Na caducidade** (palaiothv *palaiotes*=velhice) **da lei**”. Não servimos mais a Deus na obediência de preceitos exteriores, ou seja, de uma forma qualitativamente velha, inadequada, mas de um modo diferente, servindo por um outro caminho, que é a senda do espírito.

7:7-9

“Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri.”

Paulo começa perguntando: “A culpa da existência do pecado deve ser lançada sobre a lei?” A resposta é negativa, pois O PECADO RESIDE EM NÓS E NÃO NA LEI. A causa do pecado consiste no desejo corrupto de nossa carne. Chegamos à consciência do pecado pelo conhecimento da justiça de Deus que nos é declarada na lei. Não podemos supor que não houve qualquer distinção entre certo e errado fora do âmbito da lei, senão que à parte da lei nos achamos OBSCURECIDOS NO ENTENDIMENTO para discernirmos nossa própria depravação.



RELAÇÕES ENTRE O PECADO E A LEI

- 1) **A lei revela o pecado:** Sem a lei o homem não está apto para reconhecer a gravidade do pecado, pois a lei o desmascara, demonstrando ser ele uma forma de rebelião contra Deus. No caso exemplificado, o que convenceu Paulo (há controvérsias), foi o décimo mandamento que proíbe a cobiça (*epithymia*= fortes desejos ilícitos). Foi a cobiça que abriu os olhos de Paulo para a sua própria devassidão. Paulo tinha um viver no que diz respeito à lei “quase impecável”, mas mesmo este fariseu zeloso foi emboscado em seu coração pela COBIÇA.
- 2) **A lei provoca o pecado:** *“Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado”* (v.8). *Aphorme* (oportunidade, ocasião) era um termo usado como referência a uma base militar, “o ponto de partida ou base de operações para uma expedição, um trampolim para o próximo ataque. É assim que o pecado estabelece dentro de nós uma base ou ponto de apoio, valendo-se dos mandamentos para nos provocar. Essa força de provocação da lei faz parte da experiência cotidiana. Desde Adão e Eva, os seres humanos sempre foram seduzidos pelo fruto proibido. Este estranho fenômeno é chamado de “contra-sugestibilidade”, ou seja, a propensão que o ser humano tem para reagir negativamente a qualquer diretriz. Por exemplo, o sinal de trânsito diz “Pare”, e o nosso instinto diz: “por que parar?”. Ou vemos numa porta o aviso: “Não entre – acesso restrito”, e imediatamente nos dá vontade de entrar na área proibida. Agostinho em suas confissões nos dá um bom exemplo dessa natureza pervertida. Certa noite quando tinha 16 anos, na companhia de um bando de “jovens perversos” ele sacudiu uma pereira e roubou os seus frutos. O que o motivou, confessa, não foi a fome, pois depois eles atiraram todas as peras aos porcos. “Eu quis roubar... não por necessidade... mas pelo gosto de roubar, pelo pecado em si.”
- 3) **A lei condena o pecado:** *“Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri”*(v.9). O encadeamento é claro, ou seja, a lei revelou o pecado, o pecado foi “energizado” ou despertado e a morte sobreveio como penalidade pelo pecado. Quando Paulo fala “eu vivia” ele quer dizer que sua consciência ainda não havia sido plenamente despertada pela lei para a sua terrível situação diante de Deus. E quando diz “eu morri” ele está se referindo que ele tinha passado a compreender



sua real situação de pecado e sua condição diante de Deus, ou seja, que ele não era um homem justo e estava condenado.

7:10

“E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte.”

“...Se me tornou para morte (literalmente, *foi achado para mim em morte*)...”. Paulo sabia que a lei é santa, justa e boa e como sendo a revelação da vontade de Deus é também PROMOTORA DE VIDA. Todavia o apóstolo antes de sua conversão ignorava que em função do domínio do pecado na vida do homem, esta mesma lei passava a ser PROMOTORA DE MORTE (Paulo chama a lei em II Co 3.7 de “ministério da morte” [*diakonia tou thanatou*]), porquanto fornece ocasião (*aphorme*=base militar avançada) ao pecado. E o salário do pecado é a morte. Portanto em si mesma, a lei continua a assinalar um caminho de vida, que é a vereda que se conforma a vontade de Deus. Mas onde reina o pecado, a lei só pode produzir miséria e morte.

7:11

“Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou.”

Paulo traça um paralelo com a história da queda da humanidade, pois o verbo *exapatao* (enganar, com o sentido de desviar algo totalmente do caminho, [*ex*=partícula intensificadora, podendo ser traduzida por completamente; *apatao* formado de *a*=partícula de privação ou negação e *patao*=caminho]) é o mesmo usado em II Co 11.3 (“a serpente enganou a Eva”) e I Tm 2:14 (“a mulher sendo enganada, caiu em transgressão”), além de ser também uma derivação do verbo *apatao* (enganar com o sentido de desviar do caminho) usado na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) em Gn 3.13. Na língua grega existem mais dois verbos, além dos dois já citados, que significam enganar, *dolieumai* (enganar, com o sentido de má fé, de onde se originou a palavra dolo) e *phenakizo* (enganar com o sentido de dar ilusão).

“...Prevalecendo-se (*aphorme*=base militar avançada) do mandamento...”. Novamente Paulo expõe a idéia de que o pecado utiliza-se da lei como um “trampolim” para nos atingir.

“...Me enganou e me matou.” Paulo expõe o método do pecado; primeiro ele desvia completamente o homem do caminho de Deus e em seguida o mata.

7:12

“Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.”



A lei é santa, justa e boa por que reflete o caráter de Deus, ou seja, ela traz as impressões de seu autor. Na qualidade de SANTA ela reflete a transcendência e pureza de Deus, exigindo de nós consagração e pureza correspondentes. Na qualidade de JUSTA, reflete a eqüidade de Deus, requerendo de nós, em suas exigências e sanções, nada além daquilo que é eqüitativo. E na qualidade de BOA, isto é, de promotora do bem-estar do homem, revelando as intenções do coração de Deus a seu respeito.

7:13

“Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se (*phaino*= fazer brilhar) como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira (*uperbolh huperbole*= lit. lançar algo para o alto) maligno (lit. pecaminoso).”

Paulo reitera a afirmação de que a lei não gera o pecado (ela o expõe e o condena), nem tampouco gera a morte; quem faz isso é o pecado. Entretanto Paulo nos ensina algo mais, ou seja, que a extrema pecaminosidade do pecado é realçada (lit. brilha [*fainw phaino*= fazer brilhar, espalhar luz], não revelada, precisamente no modo como ele explora uma coisa boa (a lei) para um propósito maligno (a morte). Paulo nos ensina que o pecado é tão maligno que ele tem o poder de tornar algo que foi estabelecido para transmitir vida em instrumento ou ministério de morte (II Co 11.3). O pecado na presença da lei segundo o texto é literalmente arremessado para o alto (*uperbolh huperbole*), ou seja, ele é potencializado.

7:14

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado.”

“...a lei é espiritual...” A lei é espiritual porque vem de Deus que é espírito.

“...Eu, todavia, sou carnal (*sarkinos*=lit. de carne [o sufixo “inos”, indica o material do qual algo é feito], denotando o material do qual a natureza humana é feita), vendido à escravidão do pecado.” Paulo continua a fazer um relato da sua experiência com Deus (anteriormente ele havia exposto a sua vida espiritual como um zeloso observador da lei), a qual reflete em linhas gerais a experiência de todos os salvos. Neste verso o apóstolo começa a retratar o período da sua trajetória espiritual na qual ele ainda era imaturo, ou seja, sabia que o pecado só poderia ser vencido pelo poder do Espírito Santo, mas continuava agindo no “braço da carne, o que inevitavelmente o levava a derrotas espirituais. Quando nascemos espiritualmente não nos tornamos maduros imediatamente, leva tempo



até que os condicionamentos da carne sejam eliminados (foi assim na experiência de Abraão, pois quando Isaque [símbolo do Espírito] nasceu Ismael [símbolo da carne] ainda vivia com o patriarca, somente depois de dois ou três anos [idade em que a criança é desmamada na cultura oriental] é que Abraão expulsou Ismael).

7:15

“Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto.”

Paulo continua a narrar a experiência de um salvo, não a de um inconverso, pois na experiência aqui narrada o pecado está entristecendo o Espírito Santo. Portanto a pessoa aqui referida já é habitação de Deus. Entretanto é um crente débil, inconstante, que ainda não vive na completa dependência de Deus.

7:16

“Ora, se faço o que não quero, consinto (sumfhmi *sumphemi*=lit. falar junto) com a lei, que é boa.”

A nova natureza de Paulo anseia por honrar a lei e guardá-la, pois ama a Deus e à sua vontade revelada. Entretanto em virtude da sua imaturidade, por tentar fazer a vontade de Deus no “braço” da carne, continua sendo traído pelo corpo do pecado.

7:17

“Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim.”

Paulo não procura neste verso desculpar-se ou encobrir seus atos de perversidade. Ao contrário, é uma declaração da extensão da DESARMONIA existente no crente salvo entre as suas inclinações espirituais e as de sua carne. No homem inconverso não há desarmonia a esse respeito, isto é, quando ele atende às inclinações da carne ele está agindo em consonância com o seu homem interior. Mais uma vez temos uma prova de que o que Paulo vem relatando desde o verso 14 é a experiência de um salvo, imaturo, mas regenerado.

7:18

“Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo.”

Não haverá possibilidade de progresso na santidade até que aprendamos a lição que Paulo nos ensina neste verso – “...Em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum...”. A carne (*sarx*) aqui significa a PARTE NÃO REGENERADA



DO CRENTE, isto é, o corpo do pecado no sentido lato, o qual engloba as vontades, emoções, impulsos, desejos, e paixões malignas, sentimentos estes, que são resquícios do velho homem ou da velha natureza que um dia dominou todo o ser do crente, mas que após a sua união na morte e ressurreição de Cristo ficaram restritas a corpo do homem (em sentido lato) posto que o mesmo foi irremediavelmente vendido (ou contaminado) ao pecado. Portanto enquanto não compreendermos essa verdade, ou seja, que o que fazemos com a chancela da nossa carne, por mais que tenha uma “aparência” de bondade, sempre desagradará a Deus e comprometerá nossa santidade, nunca experimentaremos uma vida que realmente dá prazer a Deus, pois o que é feito na carne certamente nunca redundará em glória para o Senhor, pois a carne é inimiga do Espírito.

7:19

“Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.”

Este verso é uma repetição do verso 15, onde mais uma vez o apóstolo expõe a absoluta ineficácia da lei em auxiliar o homem em sua luta contra o pecado que habita em seu corpo. Paulo também deixa claro que qualquer empenho em combater o pecado sem o auxílio do Espírito Santo resulta em absoluto fracasso, por mais que o nosso homem interior repudie o pecado. Não podemos nunca esquecer que:

- 1) Combater sem o Espírito é lutar com as forças da carne, e esta é fraca para fazer a vontade de Deus.
- 2) Lutar contra o pecado sem o poder do Espírito é contar com as provisões da lei, mas esta não tem recursos para auxiliar neste combate.
- 3) Sem o Espírito, estamos “casados” com um “marido estéril” que não pode gerar frutos espirituais.

7:20

“Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita (oikew *oikeo*=mora) em mim.”

Paulo repete as idéias contidas nos versos dezesseis e dezessete com o propósito de enfatizar que a nova natureza do crente não é a fonte de onde emana o mal que o crente descobre em sua própria vida, já que tal natureza é obra do Espírito Santo e, portanto perfeita. Entretanto, esse novo homem pode vir a ser sufocado pelos resquícios da velha natureza, que subsistem (*oikeo*=lit. moram) no corpo do pecado, se o crente não for fortalecido no Senhor e na força do seu poder, ou seja, no Espírito Santo.



7:21

“ Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside (parakeimai *parakeimai*=lit. estar ao lado) em mim.”

Paulo retrata o pecado (instrumentalizado pela carne) como uma “pessoa” que está ao lado do crente 24 horas por dia, como se a estivesse vigiando para ver se a mesma tentará fazer algo que agrada a Deus, afim de imediatamente interrompê-la frustrando tal propósito. Tal sombria verdade deve despertar em todos os crentes um igual estado de alerta, exatamente como foi ensinado pelo Senhor Jesus em Mateus 26.41.

7:22

“Porque, no tocante ao homem interior (*eso anthropos*), tenho prazer (sunhdomai *sunedomai*= lit. ter prazer com) na lei de Deus;”

Paulo explica que apesar da carne o homem interior do crente, isto é, o novo homem, o homem regenerado, o homem que se renova de dia em dia à imagem de seu criador (II Co 4.16; Cl 3.10), tem como objeto de seu amor e fonte de seu gozo a vontade de Deus revelada ou sua lei. Este homem interior é a antítese do velho homem, pois seu prazer não se encontra mais nas coisas deste mundo, antes em Deus e no cumprimento de Sua santa vontade.

7:23

“Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros.”

O que caracteriza “a lei da minha mente (*nouv nous*= faculdades mentais)” é que ela opera no íntimo do crente ou no homem regenerado, ao passo que a característica da “lei do pecado” é que ela opera “nos membros do corpo (*melov melos*)”, ou seja, na carne do crente, tornando-o prisioneiro (*aicmalwtizw aichmalotizo*= tornar alguém cativo após derrotá-lo em uma batalha). A “lei do pecado” ainda aprisiona este crente (imaturo), em função do mesmo não contar com o auxílio do Espírito Santo, quando a carne está guerreando (*antistrateuomai antistrateuomai*= mais uma metáfora militar que significa lit. guerrear contra) contra o seu novo homem.

7:24

“ Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”



“...Corpo desta morte (*somatos tou thanatou*)...” A lei do pecado manifesta-se em nossos membros físicos – homem exterior ou os membros do corpo, ou são a esfera sobre qual atua a lei do pecado, levando-nos à morte, que é o salário do pecado, ou o resultado do cativo do pecado.

Alguns comentaristas acreditam que Paulo utiliza-se do relato que Virgílio (maior poeta latino da antiguidade) fez em sua obra Eneida, do costume que Mezêncio, rei dos etruscos, tinha de amarrar seus prisioneiros vivos em cadáveres em decomposição.

“ **Desventurado** (*talaipwrov talaiporos*= que suporta aflições, lit. alguém que suporta trabalho árduo) **homem que sou!** Paulo explicita um grito de aflição, um clamor por libertação do corpo desta morte, pois não encontra forças para libertar-se de tal cativo, já que ainda luta sem o auxílio do poder do Espírito Santo. A linguagem que o apóstolo utiliza é a de um homem OFEGANTE que se sente miserável por ter trabalhado arduamente até a EXAUSTÃO e cujo esforço resultou em absoluto fracasso. Paulo utilizou o verbo *livrar* (*rhysetai*=arrancar, extrair algo energicamente) com o propósito de demonstrar que o seu livramento esperava no extraordinário poder de Deus.

7:25

“Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.”

A primeira parte do verso é a resposta à pergunta formulada no versículo anterior. A última parte um resumo das experiências frustrantes de quem tentou corresponder a Deus sem o auxílio do Espírito.